

RESENHA

Pesquisa em Eficácia Escolar: Origem e Trajetórias

BROOKE, Nigel e **SOARES**, José Francisco (Orgs.), editora da UFMG, 2008, 552 páginas

Num momento em que tantos segmentos da vida nacional se voltam para a melhoria da qualidade da educação no Brasil, constitui uma louvável iniciativa a análise histórica e retrospectiva sobre as pesquisas em efeito escola e escolas eficazes, feita pelos organizadores do livro *Pesquisa em Eficácia Escolar: Origem e Trajetórias*, em lançamento pela editora da UFMG.

Nigel Brooke e José Francisco Soares são pesquisadores do GAME – Grupo de Avaliação e Medidas Educacionais – da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, membros da Associação Brasileira de Avaliação Escolar (ABAVE), estudiosos da avaliação de sistemas educacionais e, portanto, profundos conhecedores do tema da qualidade da educação.

A obra constitui um grande trabalho de tradução de pesquisas feitas nesta área e os organizadores realizam, de fato, um verdadeiro “estado da arte” dessas pesquisas. No texto são apresentadas - em tradução para o português, com exceção da última leitura, escrita por pesquisadores brasileiros - algumas das mais importantes pesquisas realizadas, no Reino Unido, nos Estados Unidos, na Holanda, incluindo alguns trabalhos sul-americanos, num total de 23 “leituras” em que se destacam cinco momentos desta recente (cerca de 40 anos) linha de pesquisa, começando pelos “ecos” do Relatório Coleman¹ - seção 1, com sete leituras - com toda a celeuma que a idéia de que “a escola não faz diferença” criou.

Numa segunda etapa, um tempo que pode ser considerado “reação” – seção 2, com cinco leituras – descreve-se a busca por novas metodologias que pudessem explicar melhor a inaceitável indicação; afinal a “questão da validade subjacente ao processo de medição em qualquer estudo se relaciona com a ambigüidade do construto sendo medido e uma definição ambígua do construto muito freqüentemente tem um impacto adverso na confiabilidade e validade da medida resultante” (seção 2, Leitura 8). Na terceira parte, com cinco leituras, buscam-se respostas para “O que faz a diferença? Os métodos e evidências da pesquisa sobre o

¹ *Survey* feita nos EUA nos anos 60, envolvendo cerca de 640.000 alunos e 4000 estabelecimentos e que, assim como outros estudos feitos na época, indicava que a escola não faz diferença na proficiência do aluno; o importante seria o seu *background*, o que o aluno já traz ao chegar à escola.

efeito escola”: isso é, a busca é por aquilo que de fato faz diferença para, a partir dali, estimar o que são as escolas eficazes e as características chave para essa eficácia.

Na quarta parte da obra “Os usos e abusos da eficácia escolar”, constituída de quatro leituras, a preocupação é analisar os usos e cuidados a serem tomados para evitar as sempre perigosas prescrições; trata-se, também, da relação entre a eficácia escolar e as políticas educacionais e da conexão entre eficácia e o melhoramento escolar. A leitura 18 discute características das escolas eficazes e terá destaque mais à frente; na última leitura, que trata da conexão entre eficácia e melhoramento escolar, os autores do artigo, Reynolds et al. definem o melhoramento escolar como uma “abordagem à mudança educacional que melhore o desempenho dos estudantes bem como fortaleça a capacidade da escola de gerir mudanças.” (seção 4, Leitura 22). Os autores defendem que a eficácia escolar difere do melhoramento escolar por se preocupar em exaltar o “estado final” das escolas eficazes ao descrevê-las como são, enquanto o melhoramento escolar tem se preocupado mais em descobrir o que foi feito para trazer as escolas àquele estado. E propõem aos envolvidos no melhoramento escolar o cumprimento de duas tarefas principais: primeiro, desenvolver uma rigorosa análise do contexto antes de tentar mudá-lo; segundo, desenvolver um plano de melhoramento escolar único àquela escola, aproveitando procedimentos genéricos mas também enfatizando informação compilada de estudos sensíveis ao contexto.

Finalmente, na quinta e última parte, são apresentadas duas leituras que procuram dar um retrato da pesquisa em eficácia escolar que vem sendo realizada na América Latina e, em especial, no Brasil. A primeira, *Um panorama da pesquisa ibero-americana sobre eficácia escolar*, é de autoria do professor Francisco Javier Murilo, atualmente coordenador do LLECE - Laboratório Latino-Americano de Avaliação da Qualidade da Educação, órgão da Oficina Regional da UNESCO. A segunda, *A pesquisa em eficácia escolar no Brasil*, é um trabalho conjunto da professora Maria Teresa Gonzaga Alves - também pesquisadora do GAME - e do professor Creso Franco, coordenador do Laboratório de Avaliação Educacional do Departamento de Educação da PUC - Rio.

Características chave das Escolas Eficazes

Uma das leituras que destaco, pela seriedade dos autores e os cuidados com que conduziram os trabalhos até chegar a uma síntese tão abrangente, é o artigo *As Características Chave das Escolas Eficazes* (Seção 4, Leitura 18). Neste artigo, os autores (SAMMONS et al., 1995) constroem, de fato, uma grande revisão sobre as pesquisas a respeito da eficácia das escolas, como também dos métodos de ensino adotados. Ao apresentar o trabalho, os autores

alertam para certos cuidados que precisam ser tomados com esse tipo de pesquisa, suas limitações e perigos, a questão do *background* do aluno, o fato da maioria dos estudos constituírem-se de “instantâneos” ao invés de um acompanhamento longitudinal do desenvolvimento dos alunos e até na falta de consenso sobre o próprio conceito de eficácia escolar; assumem, no entanto, o conceito de Mortimore (um dos autores) segundo o qual a escola eficaz é aquela na qual os estudantes progredem além do que era previsto para o seu grupo de entrada.

Para medir a eficácia da escola ou determinar o valor agregado por ela, foram utilizadas técnicas estatísticas adequadas como a modelagem multinível (que os americanos preferem chamar de modelagem hierárquica) para o controle das diferenças dos grupos de entrada e das individualidades dos alunos (rapazes ou moças, grupos étnicos, origem social). Essas técnicas permitem obter informações mais “finas” para determinar se uma escola é mais ou menos eficaz e, a partir das características individuais de cada estudante, o real efeito da escola: muitas pesquisas chegam a atribuir um percentual, isto é, uma “medida” para essa eficácia. Hoje, a partir desta e de outras sínteses de pesquisas, pode-se considerar que em torno de 15% da efetiva proficiência do aluno é devida ao efeito escola.

Atendendo ao objetivo do trabalho que era analisar determinantes-chaves de eficácia de escolas secundárias e primárias, os autores chegaram a onze² características, entre as quais cito: **objetivos e visões compartilhados**, unidade de propósitos, prática consistente, participação institucional e colaboração; **concentração no ensino e na aprendizagem**, maximização de tempo de aprendizagem, ênfase na performance acadêmica, foco no desempenho; **altas expectativas**, altas expectativas em geral, comunicação de expectativas, fornecimento de desafios; **monitoramento do progresso**, monitoramento do desempenho do aluno, avaliação do desempenho da escola; **parceria casa-escola**, envolvimento dos pais na aprendizagem de seus filhos. Na conclusão do artigo, os autores destacam que a intenção inicial era separar essas características entre as escolas primárias e secundárias. No entanto, dado o grau de superposição encontrado, a separação poderia levar a muita repetição: de qualquer forma, deve-se destacar que algumas características são específicas ou têm importância diferente, como é o caso dos “direitos e responsabilidades” e “reforço positivo”, fortemente influenciadas pela idade. Outro destaque é o fato da adoção de um ensino adaptado a diferentes objetivos e grupos mostrar-se mais importante que a escolha de um ou outro “estilo” ou método de ensino. Salientam ainda que a maioria das pesquisas que serviram de base para o trabalho foi feita a partir de resultados dos alunos em áreas como matemática, leitura informativa ou resultados de exames públicos: poucos

² Outras sínteses referem-se a números diferentes de fatores, muito semelhantes porém no seu conjunto.

estudos levaram em conta os aspectos afetivo e social e assim o foco do trabalho fica apenas no desempenho acadêmico.

Finalizando esta resenha, destaco dois cuidados que os organizadores tiveram e que aumentam o mérito do trabalho: a atenção para a falta de consenso sobre estudos envolvendo efeito escola e a questão das precauções a serem tomadas com as já citadas prescrições. Nesses dois aspectos, mais uma vez o trabalho liderado pela professora Sammons é exemplar: num apêndice ao trabalho, é apresentado o texto *Mascateando ficções para agradar o público*, de David Hamilton, crítico ferrenho das pesquisas sobre efeito escola; em outro apêndice, uma resposta (tréplica) é dada por Peter Mortimore e Josh Hilman, co-autores do trabalho inicial. Ao final desta resposta, os autores afirmam: “É claro que as descobertas não devem ser vistas como uma panacéia e advertimos fortemente contra interpretações prescritivas. Entretanto, esperamos que elas estimulem o debate e encorajem diretores e professores no processo de avaliar suas instituições. Estamos comprometidos a desempenhar nosso papel em melhorar a compreensão do processo de educação e acreditamos que a tradição em eficácia escolar pode dar uma valiosa contribuição a esse objetivo.”.

É também por acreditar nessa linha de pesquisa que, mais uma vez, destaco a importância do livro como fonte de consulta; é uma boa referência para todos que, como os autores, se debruçam na busca de respostas aos desafios que enfrentamos afim de tornar melhor a Educação no Brasil.

José Luiz Saldanha da Fonseca

Belo Horizonte, junho / 2008